

# MEU IDEAL SERIA ESCREVER...

Rubem Braga

**M**EU ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela môça que está doente naquela casa cinzenta quando lêsse minha história no jornal risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse — «ai meu Deus, que história mais engraçada!» E então a contasse para a cozinheira e telefonasse para duas ou três amigas para contar a história; e todos a quem ela contasse e rissem muito e ficassem alegremente espantados de vê-la tão alegre. Ah, que minha história fôsse como um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de môça reclusa, enlutada, doente. Que ela mesma ficasse admirada ouvindo o próprio riso, e depois repetisse para si própria — «mas essa história é mesmo muito engraçada!»

- Que um casal que estivesse em casa mal-humorado, o marido bastante aborrecido com a mulher, a
- mulher bastante irritada com o marido, que esse casal também fôsse atingido pela minha história.
- O marido a leria e começaria a rir, o que aumenta-

ria a irritação da mulher. Mas depois que esta, apesar de sua má-vontade, tomasse conhecimento da história, ela também risse muito, e ficassem os dois rindo sem poder olhar um para o outro sem rir mais; e que um, ouvindo aquêle riso do outro, se lembrasse do alegre tempo de namoro, e reencontrassem os dois a alegria perdida de estarem juntos.

Que nas cadeias, nos hospitais, em tôdas as salas de espera a minha história chegasse — e tão fascinante de graça, tão irresistível, tão colorida e tão pura que todos limpassem seu coração com lágrimas de alegria; que o comissário do distrito, depois de ler minha história, mandasse soltar aquêles bêbados e também aquelas pobres mulheres colhidas na calçada e lhes dissesse — «por favor, se comportem, que diabo! eu não gosto de prender ninguém!» E que assim todos tratassem melhor seus empregados, seus dependentes e seus semelhantes em alegre espontânea homenagem a minha história.

E que ela aos poucos se espalhasse pelo mundo e fôsse contada de mil maneiras, e fôsse atribuída a um persa, na Nigéria, a um australiano, em Dublin, a um japonês, em Chicago — mas que em tôdas as línguas ela guardasse a sua frescura, a sua pureza, o seu encanto surpreendente; e que no fundo de uma aldeia da China, um chinês muito pobre, muito sábio e muito velho dissesse:

«Nunca ouvi uma história assim tão engraçada e tão boa em tôda a minha vida; valeu a pena ter vivido até hoje para ouvi-la; essa história não pode ter sido inventada por nenhum homem, foi com certeza algum anjo tagarela que a contou aos ouvidos de um santo que dormia, e que ele pensou que já estivesse morto; sim, deve ser uma história do céu que se filtrou por acaso até nosso conhecimento; é divina».

E quando todos me perguntassem — «mas de onde é que você tirou essa história?» — eu responderia que ela não é minha, que eu a ouvi por acaso na rua, de um desconhecido que a contava a outro desconhecido, e que por sinal começara a contar assim:

«Ontem ouvi um sujeito contar uma história...

E eu esconderia completamente a humilde verdade: que eu inventei tôda a minha história em um só segundo, quando pensei na tristeza daquela môça que está doente, que sempre está doente e sempre está de luto e sôzinha naquela pequena casa cinzenta de meu bairro.